Karl Marx & Friedrich Engels

O PROGRAMA TÁTICO DA REVOLUÇÃO MUNDIAL DO PROLETARIADO

O MANIFESTO DO PARTIDO COMUNISTA

MAIS UM DEMOCRATA.BLOG

O Manifesto do Partido Comunista

Karl Marx & Friedrich Engels

Organizado por Mais um Democrata

https://maisumdemocrata.blogspot.com/

Sumário

Preâmbulo

É este documento um dos mais significativos documentos programáticos do comunismo fundado em bases científicas, que contém uma exposição coerente das bases da grande doutrina de Marx e Engels. "Esta obra expõe, com uma clareza e um vigor geniais, a nova concepção do mundo, o materialismo consequente aplicado também ao domínio da vida social, a dialéctica como a doutrina mais vasta e mais profunda do desenvolvimento, a teoria da luta de classes e do papel revolucionário histórico universal do proletariado, criador de uma sociedade nova, a sociedade comunista."

O *Manifesto do Partido Comunista* armou o proletariado com a demonstração científica da inevitabilidade do derrube do capitalismo e da vitória da revolução proletária, definiu as tarefas e objetivos do movimento proletário revolucionário.

O *Manifesto do Partido Comunista* foi elaborado por Marx e Engels como programa da Liga dos Comunistas por decisão do seu II Congresso realizado em Londres entre 29 de novembro e 8 de dezembro de 1847. Representava o triunfo dos defensores da nova linha proletária no quadro das discussões havidas no interior do movimento.

No âmbito deste debate, Engels havia elaborado já um projeto de *Profissão de Fé Comunista* (ver *Grundsätze des Kommunismus*, *MEW*, vol. 4, pp. 361-380; cf. *Princípios Básicos do Comunismo*, in *OE*, 1982, t. I, pp. 76-94) segundo a forma de "catecismo" ao tempo utilizada com frequência em documentos de diferentes organizações operárias e progressistas.

No entanto, Marx e Engels rapidamente chegaram à conclusão de que a forma de "manifesto" seria a mais adequada à nova fase e aos objetivos da luta.

Ainda em Londres e depois em Bruxelas, Marx e Engels trabalharam juntos na redação do texto. Tendo Engels partido para Paris em finais de dezembro, a versão definitiva foi elaborada por Marx fundamentalmente durante o mês de janeiro de 1848 e remetida finalmente para Londres, onde seria publicada pela primeira vez em fins de fevereiro do mesmo ano. O manuscrito não chegou até nós. Apenas se dispõe de um esboço de plano para a secção III e de uma página do rascunho.

Prefácio

Uma nova tradução polaca apareceu, por esse tempo, em Genebra: *Manifest Komunistyczny.*

Mais tarde, apareceu uma nova tradução dinamarquesa na *Socialdemokratisk Bibliotek, København*, 1885. Infelizmente, ela não é inteiramente completa; algumas passagens essenciais que parecem ter levantado dificuldades ao tradutor foram omitidas e, de resto, observam-se também, aqui e ali, vestígios de falta de cuidado que sobressaem tanto mais desagradavelmente quando se examina o trabalho quanto é certo que o tradutor, com um pouco mais de esmero, poderia ter realizado algo de excelente.

Em 1886, apareceu uma nova tradução francesa em *Le Socialiste*, de Paris; é a melhor aparecida até aqui.

A partir dela, foi, no mesmo ano, publicada uma versão espanhola, primeiro, em *El Socialista* de Madrid e, depois, como brochura: *Manifiesto del Partido Comunista* por Carlos Marx y F. Engels, Madrid, Administración de *El Socialista*, Hernán Cortés 8.

Como curiosidade, refiro ainda que, em 1887, foi oferecido a um editor de Constantinopla o manuscrito de uma tradução armena; o bom do homem não teve contudo a coragem de publicar qualquer coisa que tinha à frente o nome de Marx e achou que seria melhor que o tradutor se declarasse ele próprio como autor, o que ele no entanto recusou.

Depois de ora uma ora outra das traduções americanas, mais ou menos incorretas, terem sido várias vezes reimpressas em Inglaterra, apareceu finalmente uma tradução autêntica no ano de 1888. É do meu amigo Samuel Moore, e foi mais uma vez revista por nós os dois em conjunto, antes da impressão. O título é: *Manifesto of the Communist Party*, by Karl Marx and Frederick Engels. Authorized English Translation, edited and annotated by Frederick Engels, 1888, London, William Reeves, 185 Fleet St. E. C. Retomei algumas das notas desta edição na presente edição.

O *Manifesto* tem tido uma carreira própria. Saudado entusiasticamente no momento do seu aparecimento pela vanguarda, então ainda pouco numerosa, do socialismo científico (como provam as traduções referidas no primeiro prefácio), foi em breve empurrado para segundo plano pela reacção iniciada com a derrota dos operários de Paris em Junho de 1848 e, por fim, declarado proscrito e banido "segundo a lei" pela condenação dos Comunistas de Colónia, em Novembro de 1852. Com o desaparecimento da cena pública do movimento operário que datava da revolução de Fevereiro passou também o *Manifesto* para segundo plano.

Quando a classe operária europeia se fortaleceu de novo suficientemente para uma nova arremetida contra o poder das classes dominantes surgiu a Associação Internacional dos Trabalhadores. Tinha por finalidade fundir todo o operariado militante da Europa e da América num *único* grande corpo de exército. Não podia, por isso, *partir* dos princípios consignados no *Manifesto*. Tinha de ter um programa que não fechasse a porta às Trades Unions inglesas, nem aos proudhonianos, franceses, belgas, italianos e espanhóis, nem aos lassalleanos alemães. Este programa — os considerandos para os Estatutos da Internacional — foi traçado por Marx com uma mestria que até Bakunin e os anarquistas reconheceram. Para a vitória final dos princípios apresentados no *Manifesto* Marx confiava única e exclusivamente no desenvolvimento intelectual da classe operária, tal como este tinha necessariamente de resultar da unidade de ação e da discussão. Os acontecimentos e as vicissitudes da luta contra o capital, e ainda mais as derrotas do que os êxitos, não podiam deixar de mostrar claramente aos combatentes a insuficiência das panaceias em que até aí criam e de lhes tornar as cabeças mais receptivas a uma profunda inteligência das verdadeiras condições da emancipação dos operários. E Marx tinha razão. A classe operária de 1874, quando da dissolução da Internacional, era completamente diferente da de 1864, quando da sua fundação. O proudhonismo, nos países românicos, o lassalleanismo específico na Alemanha, estavam

moribundos, e mesmo as Trades Unions inglesas, então profundamente conservadoras, caminhavam gradualmente para o ponto em que foi possível o presidente do seu congresso de Swansea, em 1887, afirmar em nome deles: "O socialismo continental deixou de nos meter medo." O socialismo continental que, porém, já em 1887 era quase só a teoria proclamada no *Manifesto*. E assim a história do *Manifesto* reflete até um certo grau a história do movimento operário moderno desde 1848. Presentemente ele é sem dúvida o produto mais amplamente divulgado, mais internacional, de toda a literatura socialista, o programa comum de muitos milhões de operários de todos os países desde a Sibéria à Califórnia.

E, contudo, quando ele apareceu, não lhe poderíamos ter chamado um manifesto *socialista*. Em 1847 entendia-se por socialistas duas espécies de pessoas. De um lado, os seguidores dos diversos sistemas utopistas, em especial os owenistas em Inglaterra e os fourieristas em França, ambos os quais já então estavam reduzidos a meras seitas moribundas. De outro lado, os mais variados charlatães sociais, que com as suas diversas panaceias e com toda a espécie de remendos queriam eliminar os males sociais sem magoar minimamente o capital e o lucro. Em ambos os casos: pessoas que estavam fora do movimento operário e que, ao invés, procuravam apoio junto das classes "cultas". Em contrapartida, aquela parte dos operários que estava convencida da insuficiência de meros revolucionamentos políticos, [e] exigia uma reconfiguração profunda da sociedade, essa parte chamava-se então *comunista*. Era apenas um comunismo apenas mal desbastado, apenas instintivo, por vezes algo grosseiro; mas era suficientemente poderoso para engendrar dois sistemas do comunismo utópico, em França o "icário" de Cabet, na Alemanha o de Weitling. Em 1847, socialismo significava um movimento burguês, comunismo um movimento operário. O socialismo, pelo menos no Continente, era apresentável [*salon-fähig*], o comunismo era precisamente o contrário. E como já nessa altura éramos muito decididamente da opinião de que "a emancipação dos operários tem de ser obra da própria classe operária", nem por um instante podíamos estar na dúvida sobre qual dos dois nomes escolher. E desde então nunca nos passou pela cabeça rejeitá-lo.

"Proletários de todos os países, uni-vos!". Só poucas vozes responderam quando gritamos ao mundo estas palavras, faz agora 42 anos, nas vésperas da primeira revolução de Paris na qual o proletariado avançou com reivindicações próprias. Mas a 28 de Setembro de 1864 uniam-se proletários da maioria dos países da Europa ocidental na Associação Internacional dos Trabalhadores, de gloriosa memória. É certo que a própria Internacional só viveu nove anos. Mas que está ainda viva a eterna união [*Bund*] dos proletários de todos os países por ela fundada, e mais pujante do que nunca, disso não há melhor testemunho do que precisamente o dia de hoje. Porque hoje, dia em que escrevo estas linhas, o proletariado europeu e americano passa revista às suas forças de combate mobilizadas pela primeira vez, mobilizadas num *único* exército, sob uma *única* bandeira e para *um* objectivo próximo: o dia normal de oito horas de trabalho, a estabelecer por lei, que já o Congresso de Genebra da Internacional em 1866 e de novo o Congresso Operário de Paris de 1899 haviam proclamado. E o espetáculo do dia de hoje abrirá os

olhos aos capitalistas e aos senhores fundiários de todos os países para que hoje os proletários de todos os países estão de facto unidos.

Pudesse Marx estar ainda ao meu lado, para ver isto com os próprios olhos!

Introdução

Um fantasma ronda a Europa – o fantasma do comunismo. Todas as potências da velha Europa fizeram uma aliança sagrada para exorcizá-lo: o papa e o czar, Metternich e Guizot, os radicais franceses e os policiais alemães.[1]

Qual partido na oposição não foi difamado como comunista por seus adversários no poder? Qual partido de oposição, por sua vez, não lançou, tanto contra os opositores mais progressistas quanto contra seus adversários reacionários, a infame acusação do comunismo?

Duas coisas resultam deste fato:

O comunismo já é reconhecido por todas as potências da Europa como uma potência em si. Já é hora de os comunistas publicarem abertamente, frente a todo o mundo, suas ideias, seus objetivos, suas tendências, e de contraporem a esta lenda[2] infantil do fantasma do comunismo um manifesto do próprio partido.

Com este fim, comunistas de várias nacionalidades se reuniram em Londres, e redigiram o seguinte manifesto, que será publicado em inglês, francês, alemão, italiano, flamengo e dinamarquês.[3]

I – Burgueses e Proletários[4]

A história de todas as sociedades até hoje[5] existentes é a história da luta de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor e servo, mestre de corporação[6] e jornaleiro, numa palavra, opressor e

1 Aqui Marx e Engels enumeram as principais forças reacionárias da Europa de seu tempo: o Papa, representando a Igreja Católica e os Estados Papais; o czar da Rússia imperial (potência que era conhecida como “a Polícia da Europa”); Klemens von Metternich, estadista do Império Austríaco e um dos principais criadores da ordem europeia conservadora pós-napoleônica; François Guizot, primeiro-ministro da monarquia francesa; seus opositores, os republicanos radicais (mas no geral antissocialistas) e os Estados militarizados e policialescos que dominavam a Alemanha, ainda não unificada – sobretudo, o reino da Prússia.

2 Na edição de 1848: lendas.

3 Sobre a publicação do Manifesto em diferentes traduções ver as indicações constantes dos Prefácios e as respectivas notas.

4 Burgueses são os capitalistas modernos, que são os proprietários dos meios de produção social e que empregam o trabalho assalariado. Proletários são os assalariados modernos que, por não terem seus próprios meios de produção, são obrigados a vender sua força de trabalho para sobreviver (Engels, 1888).

5 Isto é, toda a história escrita. A pré-História, organização social anterior à história escrita, não era conhecida em 1847. Posteriormente, Haxthausen descobriu a propriedade comum da terra na Rússia, Maurer mostrou que esta era a base social da origem das tribos teutônicas e, aos poucos, verificou-se que a comunidade rural era a forma primitiva da sociedade, desde a Índia até a Irlanda. Morgan ao estudar a verdadeira natureza da gens e de sua relação com a tribo desvendou a forma típica de organização interna desta sociedade comunista primitiva. Somente após a dissolução destas comunidades primitivas a sociedade passou a se dividir em classes. Em *A Origem da família, da propriedade privada e do Estado*, procurei traçar este processo de dissolução (Engels, 1888)

6 O mestre de corporação é um membro da guilda, o patrão interno, e não seu dirigente (Engels, 1888).

oprimido, estiveram em constante oposição um contra o outro[7]. Realizavam uma luta ininterrupta, ora escondida, ora aberta, uma luta que sempre terminou ou numa reconstrução revolucionária da sociedade inteira ou na ruína de ambas as classes em luta.

Nas primeiras épocas da História, encontramos quase que em toda parte uma complicada divisão da sociedade em várias ordens, e uma múltipla gradação das camadas sociais. Na Antiga Roma tivemos patrícios, cavaleiros, plebeus, escravos. Na Era Medieval, senhores feudais, vassalos, mestres de corporação, jornaleiros, aprendizes, servos, e ainda encontramos dentro de todas estas classes, mais uma vez, novas gradações de subordinação.

A sociedade burguesa moderna que surgiu das ruínas da sociedade feudal não aboliu os antagonismos de classe. Ela só fez estabelecer novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta no lugar das antigas. Nossa época, a época da burguesia, possui, contudo, esta característica diferente: ela simplificou os antagonismos de classe. A sociedade como um todo está cada vez mais se dividindo em dois grandes campos hostis, em duas grandes classes que se enfrentam diretamente uma contra outra: a burguesia e o proletariado.

Dos servos da Idade Média, surgiu a burguesia da paliçada[8]. Foi a partir deste setor que os primeiros elementos da burguesia se desenvolveram.

A descoberta da América e a circum-navegação da África abriram um novo terreno para a burguesia ascendente. Os mercados das Índias orientais e da China, a colonização da América, o comércio com as colônias, o aumento dos meios de troca e de mercadorias em geral, deram ao comércio, à navegação, à indústria, um impulso nunca visto antes. Deste modo, promoveram um rápido desenvolvimento do elemento revolucionário na sociedade feudal em decomposição. O sistema feudal da indústria, cuja produção era monopolizada por corporações fechadas, já não era então suficiente para as crescentes necessidades dos novos mercados.

O sistema manufatureiro tomou seu lugar. Os mestres de corporações foram superados pela pequena burguesia manufatureira. A divisão do trabalho entre as diferentes corporações desapareceu em face da divisão do trabalho em cada local de trabalho.

Enquanto isso, os mercados continuavam sempre crescendo e a demanda aumentava. Até a manufatura não era mais suficiente. Por isto, o vapor e a maquinaria revolucionaram a produção

---

7 O mestre de corporação era o chefe das corporações de ofício medievais (ou guildas), associações de trabalhadores medievais. Já o jornaleiro era o funcionário mais precário dessas corporações, não sendo um membro formal e vendendo sua mão de obra pouco qualificada por dia.

8 Em alemão, Pfahlbürguer. O termo se refere aos que habitavam as cidades fortificadas da Europa, e moravam do lado de fora das muralhas (reservadas à nobreza) mas dentro dos muros de madeira, ou paliçadas. Esta parte das cidades medievais era habitada pelos burgueses (ou seja, moradores das cidades) que praticavam o pequeno comércio ou o comércio das caravanas. Socialmente o Pfahlbürguer se assemelha ao vilão português medieval, um habitante da vila um pouco mais elevado socialmente que o servo.

industrial. O lugar da manufatura foi tomado pela grande indústria moderna; o lugar do estrato médio industrial[9] foi tomado pelos milionários da indústria, líderes de vastos exércitos industriais – a burguesia moderna.

A grande indústria criou o mercado mundial, para o qual a descoberta da América abriu o caminho. Este mercado deu um imenso desenvolvimento ao comércio, à navegação, à comunicação por terra. Este desenvolvimento, por sua vez, agiu novamente sobre a extensão da indústria. Na medida em que a indústria, o comércio, a navegação e as ferrovias se estendiam, a burguesia se desenvolvia, aumentava seu capital e empurrava para segundo plano todas as classes legadas pela Idade Média.

Vemos, portanto, como a burguesia moderna é o produto de um longo processo de desenvolvimento, de uma série de revoluções nos meios de produção e de troca.

Cada passo no desenvolvimento da burguesia foi acompanhado por um avanço político correspondente. Sob a influência da nobreza feudal, era uma classe oprimida. Na comuna medieval[10] , era uma associação armada e com uma administração autônoma. Aqui, era uma república urbana independente (como na Itália e na Alemanha). Ali, um "terceiro Estado" tributário da monarquia (como na França). Depois, no período manufatureiro, serviu às monarquias estamental e absoluta[11] como um contrapeso contra a nobreza; ela era, de fato, a pedra angular das grandes monarquias em geral. Por fim, a burguesia, desde o estabelecimento da indústria moderna e do mercado mundial, conquistou para si, no Estado representativo moderno, um domínio político exclusivo. O moderno poder de Estado não é senão um comitê para administrar os negócios comuns da classe burguesa.

A burguesia, historicamente, desempenhou um papel muito revolucionário. Onde quer que tenha conquistado o poder, pôs um fim às romanceadas relações feudais e patriarcais. Ela rompeu sem piedade os diferentes laços feudais que ligavam o Homem a seus "superiores naturais" e não deixou nenhuma outra ligação entre os homens a não ser o frio autointeresse, o insensível "pagamento em espécie". Ela afogou os mais sagrados êxtases do fervor religioso, do entusiasmo cavalheiresco, do sentimentalismo pequeno-burguês, nas águas gélidas do cálculo egoísta. Ela transformou o valor pessoal em valor de troca, e no lugar das inúmeras liberdades adquiridas e garantidas, estabeleceu uma única e implacável liberdade – a liberdade de comércio. Numa palavra, no lugar da exploração disfarçada por ilusões religiosas e políticas, a burguesia pôs a exploração aberta, cínica, direta e brutal.

---

9 Em alemão o termo é Industriallen Mittlestand, que se distingue da pequena burguesia (usado por Marx ao se referir ao artesão e pequeno camponês, que é dono dos seus meios de produção, mas trabalha neles). Esse "estrato médio industrial" de Marx é um setor de pequenos industriais, que administra sua pequena manufatura, mas, ao contrário do pequeno burguês, não trabalha nela.

10 Este era o nome dado às comunidades urbanas pelos moradores das cidades da Itália e da França, depois que eles haviam comprado ou conquistador seu direito inicial de autogoverno de seus senhores feudais (Engels, 1890).

11 Na monarquia absoluta, o rei concentra todo o poder e a soberania do Estado, ficando inclusive acima da lei. Na monarquia de estamentos, parte das funções e poderes reais são encarregados a membros da nobreza, escolhidos nas reuniões das cortes. Trata-se de uma forma mais tipicamente feudal e menos centralizada que a absolutista

A burguesia despojou de sua auréola toda ocupação até então venerada e encarada com admirável respeito. Ela transformou em seus servidores assalariados o médico, o advogado, o padre, o poeta e o cientista.

A burguesia arrancou a máscara sentimental das relações familiares, e as reduziu à mera relação monetária.

A burguesia revelou como o brutal desperdício de forças na Idade Média, que os reacionários tanto admiram, encontrou seu complemento apropriado na mais indolente ociosidade. Só ela deu provas do que é capaz a atividade humana. Ela realizou maravilhas que de longe ultrapassam as pirâmides do Egito, os aquedutos romanos e as catedrais góticas; ela produziu deslocamentos humanos muito diferentes e superiores aos das antigas migrações dos povos[12] e das Cruzadas[13].

A burguesia não pode existir sem revolucionar constantemente os instrumentos de produção, portanto as relações de produção e, com elas, todo o conjunto de relações sociais. A conservação do velho modo de produção numa forma inalterada era, pelo contrário, a primeira condição de existência de todas as classes industriais anteriores. O revolucionamento constante da produção, a perturbação ininterrupta de todas as condições sociais, a incerteza e agitação contínuas distinguem a época burguesa de todas as anteriores. Todas as relações fixadas e enferrujadas, com sua série de antigos e veneráveis preconceitos e opiniões, são varridas, e todas as novas formações se tornam antiquadas antes que possam se solidificar. Tudo o que é sólido se desmancha no ar, tudo o que é sagrado é profanado e o homem é obrigado por fim a encarar com serenidade suas condições reais de vida e suas relações com seus semelhantes.

A necessidade de um mercado cada vez maior para seus produtos impele a burguesia por toda a superfície do globo. Ela precisa se estabelecer em toda pare, explorar em toda pare, criar conexões em toda parte.

A burguesia, através de sua exploração do mercado mundial, deu um caráter cosmopolita à produção e ao consumo em todos os países. Para grande desgosto dos reacionários, ela retirou debaixo dos pés da indústria o terreno nacional sobre o qual ela se apoiava. Todas as velhas indústrias nacionais foram já destruídas ou estão sendo diariamente destruídas. Elas são substituídas por novas indústrias, cuja introdução se torna uma questão de vida ou morte para todas as nações civilizadas. Essas indústrias não

12 Völkerwanderungen é um termo que descreve especificamente as migrações dos povos asiáticos e germânicos rumo ao Império Romano, entre os séculos I e VII da era cristã. Esse movimento é por vezes chamado de período “das migrações bárbaras”

13 As Cruzadas foram movimentos militares (por vezes quase espontâneos, mas no geral expedições militares centralizadas e conduzidas pelas monarquias europeias) que se estenderam, de forma quase permanente, entre os séculos XI e XII. Seu objetivo era a conquista de territórios governados por não cristãos (sobretudo muçulmanos, mas reinos politeístas no norte da Europa e mesmo reinos cristãos não-católicos também foram alvo de suas incursões). O alvo principal das Cruzadas era a conquista da região da Palestina e dos reinos muçulmanos do Oriente Médio. Elas fracassaram nesse objetivo. Porém, esse movimento culminou na conquista católica dos domínios muçulmanos na Península Ibérica e no norte da Europa. Levou também ao fortalecimento do comércio entre a Europa, o Oriente Médio e a África.

mais utilizam matérias primas locais, mas matérias primas retiradas das zonas mais remotas. Seus produtos são consumidos, não apenas dentro de seu país, mas em cada canto do globo. Em lugar das velhas necessidades, satisfeitas pela produção nacional, encontramos novas necessidades, exigindo para sua satisfação os produtos de terras e climas distantes. Em lugar da velha reclusão e autossuficiência local e nacional, temos um intercurso em toda direção, uma universal interdependência das nações. E isto tanto em relação à produção material quanto em relação à produção intelectual. As criações intelectuais de nações individuais tornam-se patrimônio comum. A estreiteza e exclusivismo nacionais tornam-se cada vez mais impossíveis e, das numerosas literaturas nacionais e locais, surge uma literatura mundial.

A burguesia, através da rápida melhoria de todos os instrumentos de produção, através dos meios de comunicação imensamente facilitados, arrasta todas as nações, mesmo as mais bárbaras, para a civilização. Os preços baratos das mercadorias são as armas pesadas com que ela derruba todas as muralhas da China e com que ela força à capitulação os bárbaros mais hostis aos estrangeiros. Ela obriga todas as nações, sob pena de extinção, a adotarem o modo burguês de produção. Ela as obriga a introduzir em seu meio a assim chamada civilização, isto é, a se tornarem burguesas. Numa palavra, ela cria para si um mundo à sua própria imagem.

A burguesia sujeitou o campo ao domínio da cidade. Criou enormes centros urbanos, aumentou imensamente a população urbana em comparação com a rural, e assim resgatou uma parte considerável da população do tacanhez[14] da vida rural. Assim como tornou o campo dependente das cidades, ela torna os países bárbaros e semibárbaros dependentes dos civilizados, as nações agrárias dependentes das nações burguesas, o Oriente dependente do Ocidente.

A burguesia suprime cada vez mais a dispersão dos meios de produção, da propriedade e da população. Ela aglomerou a população, centralizou os meios de produção e concentrou a propriedade em poucas mãos. A consequência necessária disto foi a centralização política. Províncias independentes, quase que somente aliadas, com interesses, leis, governos e sistemas tarifários separados, foram reunidas em uma só nação, com *um* só governo, *um* código de leis, *um* só interesse nacional de classe, *uma* só fronteira alfandegária.

A burguesia, em seu domínio de apenas um século, criou forças produtivas em massa, maiores e mais colossais do que todas as gerações precedentes juntas. A sujeição das forças da natureza ao Homem, a maquinaria, a aplicação da química à indústria e à agricultura, a navegação à vapor, as ferrovias, os telégrafos elétricos, a limpeza de continentes inteiros para o cultivo, a canalização dos rios, populações inteiras brotando da terra como por encanto... que século anterior poderia sequer supor que tamanhas forças produtivas estivessem adormecidas no seio do trabalho social?

---

14 No original o termo é *Idiotismus*, muitas vezes traduzido como estupidez. Porém, o termo é um falso cognato, e em alemão seu real significado é de estreiteza de pensamento, tacanhez, provincianismo, e se refere ao isolamento cultural e demográfico dos antigos camponeses. Esta concepção não se aplica necessariamente em nossos dias, onde mesmo a produção rural se articula em torno de importantes cidades e de centros regionais

Vejamos então: os meios de produção e de troca, sob cuja fundação a burguesia se formou, foram gerados na sociedade feudal. Numa certa etapa no desenvolvimento destes meios de produção e de troca, as relações sob as quais a sociedade feudal produzia e trocava – a organização feudal da agricultura e da indústria manufatureira, numa palavra, as relações feudais de propriedade – não correspondiam mais às forças produtivas já desenvolvidas. Elas atrapalhavam a produção, em vez de fomentá-la. Tornavam-se assim novas correntes, entre tantas outras que precisavam ser destruídas; e o foram.

Em seu lugar, se estabeleceu a livre concorrência, acompanhada pela constituição social e política que se adequava a ela e ao domínio econômico e político da classe burguesa.

Um movimento parecido está acontecendo diante de nossos olhos. A sociedade burguesa moderna, com suas relações de produção, de troca e de propriedade, uma sociedade que fez surgir meios gigantescos de produção e de troca, assemelha-se ao feiticeiro que não é mais capaz de controlar os poderes do mundo inferior que ele invocou com seus encantamentos. Por mais de uma década, a história da indústria e do comércio não é outra senão a história da revolta das modernas forças produtivas contra as modernas relações de produção, contra as relações de propriedade que são as condições para a existência da burguesia e de seu domínio. Basta mencionar as crises comerciais que, através de seu retorno periódico, põem em xeque, cada vez mais ameaçadoramente, a existência de toda a sociedade burguesa. Nestas crises, uma grande parte não apenas dos produtos existentes, mas também das forças produtivas criadas anteriormente, são cotidianamente destruídas. Nestas crises, aparece inesperadamente uma epidemia que, em todas as épocas anteriores, teria parecido um absurdo – a epidemia da superprodução. A sociedade subitamente se vê empurrada de volta para um estado momentâneo de barbárie; uma grande fome ou uma guerra geral de extermínio parece ter lhe cortado o fornecimento de cada meio de subsistência. A indústria e o comércio parecem destruídos. E porquê? Porque há civilização demais, alimentos demais, indústria demais, comércio demais. As forças produtivas à disposição da sociedade não mais servem ao desenvolvimento das relações de propriedade burguesas; pelo contrário, elas se tornaram muito poderosas para estas relações – que passam a entravá-las – e assim que superam este obstáculo, levam toda a sociedade burguesa à desordem, pondo em risco a existência da propriedade burguesa. As relações burguesas são agora estreitas demais para abranger a riqueza criada por elas.

E como a burguesia recupera-se destas crises? Por um lado, forçando a destruição de enormes quantidades de forças produtivas. Por outro, pela conquista de novos mercados e pela exploração mais metódica dos antigos mercados. Ou seja, ela se recupera abrindo caminho para crises ainda mais extensas e mais destrutivas e diminuindo os meios pelos quais as crises podem ser evitadas.

As armas com que a burguesia matou o feudalismo estão agora se voltando contra a própria burguesia. Mas não apenas a burguesia forjou as armas que lhe trazem a morte; ela também produziu os homens que empunharão estas armas – o trabalhador moderno, os proletários.

À medida que a burguesia, isto é, o capital, se desenvolve, também se desenvolve o proletariado, a moderna classe dos trabalhadores, a classe que só subsiste na medida em que encontra trabalho, e só encontra trabalho na medida em que seu trabalho aumenta o capital. Estes trabalhadores, que são obrigados a se venderem um a um, são uma mercadoria como qualquer outro artigo de comércio. Eles estão, portanto, expostos a todos os reveses da concorrência comercial, a todas as flutuações do mercado.

Devido ao uso extensivo da maquinaria e à divisão do trabalho, o trabalho dos proletários perdeu todo o seu caráter autônomo e, consequentemente, todo o encanto para o trabalhador. Ele torna-se um mero apêndice da máquina e exige-se dele apenas a operação mais simples, mais monótona e mais fácil de aprender. Por isso, o custo de produção de um trabalhador está restrito, quase que inteiramente, aos meios de subsistência exigidos para a sua sobrevivência e para a propagação de sua espécie. Porém, o preço de uma mercadoria – e, portanto, também do trabalho – é igual ao seu custo de produção. Assim, à medida que aumenta o caráter repulsivo do trabalho, o salário decresce. À medida que aumenta o uso da maquinaria e a divisão do trabalho, a quantidade de trabalho também aumenta, seja através do aumento das horas de trabalho, seja pelo aumento do trabalho exigido num período determinado, pela velocidade crescente da maquinaria etc.

A indústria moderna converteu a pequena oficina do mestre de corporação patriarcal na grande fábrica do capitalista industrial. Massas de operários, amontoados na fábrica, são organizados como soldados. Como soldados da indústria, eles são postos sob o comando de uma hierarquia completa de oficiais e sargentos. Eles não são apenas escravos da classe burguesa, e do Estado burguês. Diariamente e a cada hora, eles são escravizados pela máquina, pelo supervisor, e acima de tudo, por cada um dos industriais burgueses. Quanto mais abertamente este despotismo proclama o lucro como seu fim e objetivo, mais mesquinho, odioso e amargo ele se torna.

Quanto menos habilidade e aplicação de força são utilizados no trabalho manual, em outras palavras, quanto mais a indústria moderna se torna desenvolvida, tanto mais o trabalho dos homens é suplantado pelo das mulheres. Diferenças de idade e sexo não têm mais qualquer validade social distintiva para a classe trabalhadora. Todos são instrumentos de trabalho, mais ou menos custosos, segundo sua idade e sexo.

Se a exploração do trabalhador nas mãos do industrial termina quando ele recebe seu salário em dinheiro, ele é então saqueado por outros setores da burguesia: o proprietário do imóvel, o dono da loja, o agiota etc.

Os pequenos estratos médios existentes ainda hoje – os pequenos industriais, comerciantes, os que vivem de pequenas rendas, os artesãos e os camponeses – todos estes decaem gradualmente no proletariado. Em parte, pois seu pequeno capital não é suficiente para os grandes investimentos industriais, e eles acabam sucumbindo à concorrência dos grandes capitalistas. Em parte, também, pois sua

habilidade profissional é desvalorizada pelos novos métodos de produção. Assim, o proletariado é recrutado de todas as classes da população.

O proletariado passa por várias etapas de desenvolvimento. Sua luta contra a burguesia começa com seu surgimento.

No início, a luta é travada individualmente pelos trabalhadores, depois pelos trabalhadores de uma fábrica inteira, então pelos que trabalham num mesmo ramo ou numa localidade, contra um burguês individual, que os explora diretamente. Eles dirigem seus ataques não contra as condições burguesas de produção, mas contra os próprios instrumentos de produção; destroem as mercadorias importadas que competem com seu trabalho, despedaçam as máquinas, queimam as fábricas, procuram restaurar pela força o status perdido do trabalhador da Idade Média.

Nesta etapa os trabalhadores ainda formam uma massa incoerente, dispersa por todo o país e dividida pela concorrência mútua. Se alguma vez eles se unem em organizações mais amplas, isto ainda não é em consequência de sua própria união ativa, mas da união da burguesia, cuja classe, para obter seus próprios fins políticos, é obrigada a colocar todo o proletariado em movimento, tarefa que por enquanto ela ainda é capaz de realizar. Nesta etapa, portanto, os proletários não combatem seus inimigos, mas os inimigos de seus inimigos, os remanescentes da monarquia absoluta, os latifundiários, os burgueses não-industriais, a pequena burguesia. Todo o movimento histórico está assim concentrado nas mãos da burguesia; cada vitória assim obtida é uma vitória da burguesia.

Mas, com o desenvolvimento da indústria, o proletariado não apenas aumenta em número; ele se concentra em massas cada vez maiores, sua força cresce e ele sente esta força. Os vários interesses e condições de vida dentro das fileiras do proletariado se igualam cada vez mais, à medida que a maquinaria apaga todas as distinções do trabalho, e quase por toda parte reduz os salários ao mesmo nível baixo. A crescente concorrência entre os burgueses, e a crise comercial resultante, torna os salários dos trabalhadores ainda mais instáveis. A melhoria incessante das máquinas, que se desenvolvem cada vez com mais rapidez, torna suas condições de vida ainda mais precárias; os choques entre trabalhadores e burgueses individuais assumem cada vez mais o caráter de choques entre duas classes. Os trabalhadores assim começam a formar associações (sindicatos) contra os burgueses; eles unem-se para manter o nível dos salários; descobrem associações permanentes para prepararem-se de antemão para estas revoltas ocasionais. Aqui e ali, a disputa se transforma em rebeliões.

Às vezes, os trabalhadores são vitoriosos, mas apenas temporariamente. O fruto real de suas lutas não está no resultado imediato, mas na união cada vez maior dos trabalhadores. Esta união é facilitada pela melhoria dos meios de comunicação que são criados pela indústria moderna e que põem os trabalhadores de diferentes localidades em contato uns com os outros. Só esse contato já bastou para centralizar as numerosas lutas locais, todas com um caráter parecido, em uma só luta nacional, em uma luta entre classes. Mas toda luta de classes é uma luta política. E a união que os burgueses da Idade Média levaram

séculos para conseguir, com suas miseráveis estradas, os proletários modernos, graças às ferrovias, conquistam em poucos anos.

Esta organização dos proletários em classe, e consequentemente em partido político, está sempre sendo perturbada pela concorrência entre os próprios trabalhadores. Mas ela sempre nasce novamente, mais forte, firme, poderosa. Ela impõe o reconhecimento dos interesses particulares dos trabalhadores em forma de lei, aproveitando-se das divisões entre a própria burguesia. Assim foi conquistada a lei da jornada de dez horas na Inglaterra.

Em geral, os choques entre as classes da velha sociedade ajudam, de diferentes maneiras, o curso do desenvolvimento do proletariado. A burguesia se vê envolvida numa batalha constante. Primeiro, contra a aristocracia. Depois, contra frações da própria burguesia cujos interesses são antagônicos com o progresso da indústria. E, sempre, contra a burguesia de todos os países estrangeiros. Em todas essas lutas, ela se vê obrigada a apelar ao proletariado, a pedir sua ajuda e, assim, a envolvê-lo na arena da luta política. A própria burguesia, portanto, fornece ao proletariado os instrumentos de sua formação política e geral, em outras palavras, isto é, fornece ao proletariado armas contra si própria.

Além disso, como já vimos, setores inteiros da classe dominante são, em razão do avanço da indústria arrastados para o proletariado, ou ao menos ameaçados em suas condições de existência. Estes contingentes também fornecem ao proletariado elementos de esclarecimento e progresso.

Finalmente, quando a luta de classes se aproxima da hora decisiva, o processo de dissolução no interior da classe dominante continua – no interior de toda a velha sociedade, na verdade – e assume um caráter tão violento e agudo que uma pequena parte da classe dominante se desliga dela e se une à classe revolucionária, que é a classe que possui o futuro em suas mãos. Do mesmo modo que num período anterior um setor da nobreza passou para a burguesia, agora um setor da burguesia passa para o proletariado e, em particular, um setor dos ideólogos burgueses, que se elevaram a ponto de compreender teoricamente o movimento histórico como um todo.

De todas as classes que hoje enfrentam a burguesia, só o proletariado é uma classe realmente revolucionária. As outras classes degeneram e perecem na indústria moderna, enquanto o proletariado é o seu produto mais essencial.

A pequena burguesia[15], o pequeno industrial, o pequeno comerciante, o artesão, o camponês, todos eles lutam contra a burguesia para salvar sua existência, enquanto setores pequeno- -burgueses, do naufrágio. Eles não são setores revolucionários, portanto, mas conservadores. Mais ainda, são reacionários, pois tentam fazer a roda da História girar para trás. Se ocasionalmente são revolucionários, isto se deve à sua iminente passagem para o proletariado, e defendem, assim, não seus interesses atuais [pequeno-

15 *Mittelstände* quer dizer "camadas médias", mas se refere aos artesãos e pequenos e médios proprietários que eram, na sociedade estamental, a "camada média" do Terceiro Estado. Optamos por traduzir o termo como pequena burguesia para não gerar confusão com a moderna classe média, de caráter mais administrativo, que surge no final do século XIX .

burgueses], mas seus interesses futuros. Desertam de seu próprio ponto de vista para adotar o do proletariado.

O lumpemproletariado[16], essa decomposição passiva das camadas mais baixas da velha sociedade, pode ocasionalmente ser posto em movimento por uma revolução proletária; porém, devido às suas condições de vida, ele geralmente está mais sujeito a atuar como mercenário nas intrigas da reação.

Nas condições de vida do proletariado, as condições da velha sociedade em grande parte já estão virtualmente extintas. O proletariado não tem propriedade. A relação dele com esposa e filhos não tem mais nada em comum com as relações familiares burguesas. O trabalho industrial moderno, sua sujeição ao capital, que é a mesma tanto na Inglaterra quanto na França, na América e Alemanha, tira dele todo traço de caráter nacional. As leis, a moral, a religião, são para o proletariado outros tantos preconceitos burgueses, atrás dos quais se escondem outros tantos interesses burgueses. Todas as classes que anteriormente tomaram o poder para si, procuraram garantir sua condição de vida já adquirida, sujeitando toda a sociedade às suas condições de apropriação. Os proletários não podem se tornar senhores das forças produtivas da sociedade senão abolindo o modo de apropriação próprio a estas e, portanto, todo o modo de apropriação em vigor até hoje. Eles não têm nada que seja seu para garantir. Sua missão é destruir todas as garantias privadas e todas as seguranças privadas existentes até hoje.

Todos os movimentos históricos anteriores foram movimentos de minorias ou feitos no interesse de minorias. O movimento proletário é o movimento independente da imensa maioria, no interesse da imensa maioria. O proletariado, a camada mais baixa da atual sociedade, não pode se mover, elevar a si mesmo, sem explodir todas as camadas superiores da sociedade oficial.

Embora não no seu conteúdo, na forma a luta do proletariado com a burguesia é, inicialmente, uma luta nacional. O proletariado de cada país deve, obviamente, antes de mais nada, ajustar as contas com sua própria burguesia.

Descrevendo as fases mais gerais do desenvolvimento do proletariado, acompanhamos a guerra civil que se desenrola de forma mais ou menos oculta dentro da sociedade existente, até o ponto em que ela estoura em uma revolução aberta e em que a derrubada violenta da burguesia estabelece a base para a dominação aberta do proletariado.

Até aqui, toda forma de sociedade se baseava, como vimos, no antagonismo das classes opressoras e oprimidas. Mas para oprimir uma classe, devem ser asseguradas certas condições para que, pelo menos, ela continue sua existência de escravo. O servo, no período da servidão, se elevou à condição de membro da comuna, assim como a pequena burguesia, sob o jugo do absolutismo feudal, se desenvolveu em burguesia. O trabalhador moderno, pelo contrário, ao invés de se elevar com o progresso da indústria, afunda ainda mais, caindo abaixo das condições de existência de sua própria classe. Ele se torna um miserável e a miséria se desenvolve mais rapidamente do que a população e a riqueza. E aqui fica evidente

16 *Lumpenproletariat* quer dizer literalmente “proletariado em farrapos”, se refere aos setores marginalizados da classe.

que a burguesia não é mais capaz de continuar a ser a classe dominante na sociedade e de impor, como uma lei suprema, suas condições de existência à sociedade. Ela é incapaz de governar porque não consegue mais assegurar uma existência a seu escravo mesmo no âmbito da escravidão. Ela é obrigada a deixá-lo cair numa situação em que ela tem que alimentá-lo, ao invés de ser alimentada por ele. A sociedade não pode mais viver sob a burguesia; em outras palavras, sua existência não é mais compatível com a sociedade.

A condição essencial para a existência e para a dominação da classe burguesa é a acumulação de riquezas em mãos privadas, a formação e acumulação do capital. A condição para o capital é o trabalho assalariado. O trabalho assalariado se baseia exclusivamente na concorrência entre os trabalhadores. O avanço da indústria, de que a burguesia é o representante preguiçoso e apático, substitui o isolamento dos trabalhadores, que resulta da concorrência, por sua unidade revolucionária mediante a associação. O desenvolvimento da grande indústria, portanto, retira da burguesia a base sobre a qual ela própria produz e se apropria dos produtos. Ela produz em primeiro lugar seu próprio coveiro. Sua queda e a vitória do proletariado são igualmente inevitáveis.

II – Proletários e Comunistas

Qual a relação dos comunistas com o proletariado em geral? Os comunistas não formam um partido separado e oposto aos outros partidos da classe trabalhadora. Eles não possuem interesses separados do proletariado como um todo.

Não proclamam quaisquer princípios sectários, de acordo com os quais queiram moldar o movimento proletário.

Os comunistas se distinguem dos outros partidos dos trabalhadores apenas por, nas diversas lutas nacionais dos proletários, destacarem e trazerem à superfície os interesses comuns de todo o proletariado, independente de sua nacionalidade; e também por, nas várias etapas do desenvolvimento por que passa a luta da classe trabalhadora contra a burguesia, sempre e em toda parte representarem os interesses do movimento como um todo.

Os comunistas são, portanto, na prática, o setor mais avançado e resoluto dos partidos dos trabalhadores de todos os países, o setor que empurra para frente todos os outros. De outro lado, de forma teórica, eles têm sobre a grande massa do proletariado a vantagem de entender claramente o percurso, as condições e os resultados gerais últimos do movimento proletário.

O objetivo imediato dos comunistas é o mesmo de todos os outros partidos proletários: a constituição do proletariado em classe, a derrubada da supremacia burguesa, a conquista do poder político pelo proletariado.

As conclusões teóricas dos comunistas de modo algum baseiam-se em ideias ou princípios que foram inventados ou descobertos por este ou aquele reformador do mundo.

Eles apenas expressam, em termos gerais, as relações reais que provém de uma luta de classes existentes, de um movimento histórico que se desenvolve sob nossos olhos. A abolição das relações de propriedade existentes não é em absoluto uma característica distintiva do comunismo.

Todas as relações de propriedade no passado têm sido continuamente sujeitas a mudanças históricas, consequências de mudanças nas condições históricas.

A Revolução Francesa, por exemplo, aboliu a propriedade feudal em favor da propriedade burguesa.

O traço distintivo do comunismo não é a abolição da propriedade geral, mas a abolição da propriedade burguesa.

Mas a propriedade burguesa moderna é a expressão final e mais acabada do sistema de produção e apropriação de produtos baseado em antagonismos de classe, na exploração de muitos por uns poucos.

Neste sentido, a teoria dos comunistas pode ser resumida nesta simples frase: abolição da propriedade privada.

Nós comunistas somos censurados pelo desejo de abolir o direito da propriedade adquirida pessoalmente como fruto do trabalho do indivíduo, propriedade que se diz a base de toda a liberdade, atividade e independência pessoal.

Propriedade individual, fruto do trabalho e do mérito! Querem dizer a propriedade do pequeno burguês e do pequeno camponês, uma forma de propriedade que precedeu a forma burguesa? Não há necessidade de aboli-la; o desenvolvimento da indústria em grande parte já a destruiu, e ainda a destrói diariamente.

Ou então se referem à propriedade privada burguesa atual?

Mas o trabalho assalariado cria qualquer propriedade para o trabalhador? Nem um pouco. Ele cria capital, isto é, aquele tipo de propriedade que explora o trabalho assalariado, que não pode aumentar a não ser com a condição de criar uma nova reserva de trabalho assalariado para uma nova exploração. A propriedade, em sua forma atual, se baseia no antagonismo entre capital e trabalho assalariado. Examinemos os dois lados deste antagonismo.

Ser capitalista é ter um *status* não apenas puramente pessoal na produção, mas social. O capital é um produto coletivo e apenas pela ação unida de muitos membros, e mesmo, em última instância, apenas pela ação unida de todos os membros da sociedade, pode ser posto em movimento. O capital, portanto, não é uma força pessoal, mas social. Assim, quando o capital é convertido em propriedade comum, em propriedade de todos os membros da sociedade, não é uma propriedade pessoal que se transforma em propriedade social. É apenas o caráter social da propriedade que é mudado. Ela perde seu caráter de classe.

Vejamos o trabalho assalariado. O preço médio dele é o salário mínimo, isto é, a quantidade dos meios absolutamente necessários para uma simples existência como trabalhador. Portanto, o que o trabalhador assalariado obtém por meio de seu trabalho apenas é suficiente para prolongar e reproduzir sua existência. De modo algum queremos abolir esta apropriação pessoal dos produtos do trabalho, apropriação que é feita para a manutenção e reprodução da vida humana e que não deixa nenhum excedente para se apropriar do trabalho de outros. Tudo o que queremos é abolir o caráter miserável desta apropriação sob a qual o trabalhador vive apenas para aumentar o capital, e vive apenas na medida em que o interesse da classe dominante o exige.

Na sociedade burguesa, o trabalho vivo não é senão um meio de aumentar trabalho acumulado. Na sociedade comunista, o trabalho acumulado não é nada além de um meio de ampliar, enriquecer e promover a existência do trabalhador. Na sociedade burguesa, portanto, o passado domina o presente. Na sociedade comunista, o presente domina o passado. Na sociedade burguesa, o capital é independente e possui individualidade, enquanto a pessoa viva é dependente e não tem individualidade.

E a abolição desta situação é chamada pela burguesia de abolição da liberdade e da individualidade! E com razão. Sem dúvida, o objetivo é a abolição da individualidade burguesa, da independência burguesa e da liberdade burguesa. Por liberdade se entende, sob as atuais condições burguesas de produção, o livre comércio, a liberdade de comprar e vender. Mas se a compra e venda desaparecem, a liberdade de comprar e vender desaparece também. Esta conversa sobre a liberdade de comércio e todas as outras “belas frases” de nossa burguesia sobre a liberdade em geral, só têm significado se contrastadas com o comércio restrito, com o burguês oprimido da Idade Média. Porém, não têm significado quando contrastadas com a abolição comunista do comércio, das condições burguesas de produção e da própria burguesia.

Burgueses, vocês se horrorizam com nossa pretensão de abolir a propriedade privada. Mas em sua sociedade existente, a propriedade privada já está abolida para nove décimos da população. A existência dela para os restantes se deve somente a esta não existência nas mãos daqueles nove décimos. Nos censuram, portanto, por pretender abolir uma forma de propriedade cuja condição necessária de existência é a não existência de qualquer propriedade para a imensa maioria da sociedade.

Em uma palavra, nos censuram por pretender abolir a propriedade deles. Exatamente, é isso o que pretendemos. No momento em que o trabalho não puder mais ser convertido em capital, dinheiro ou renda, em poder social capaz de ser monopolizado, isto é, no momento em que a propriedade individual não puder mais ser transformada em propriedade burguesa, em capital, neste momento, vocês dirão que a individualidade desapareceu. Portanto, devem confessar que por “indivíduo”, não se referem à outra pessoa além do burguês, o proprietário burguês. Esta pessoa deve, de fato, ser abolida e impossibilitada de existir.

O comunismo não tira de ninguém o poder de se apropriar dos produtos da sociedade. Tudo o que faz é tirar dele o poder de subjugar o trabalho dos outros por meio de tal apropriação. Alega-se que com a abolição da propriedade privada todo o trabalho irá desaparecer e uma preguiça universal tomaria conta de nós.

Se fosse verdade, a sociedade burguesa há muito tempo já deveria ter sucumbido por absoluta ociosidade: seus membros que trabalham não lucram, e os que lucram, não trabalham. Toda esta alegação não é senão outra expressão para a tautologia: não pode haver mais qualquer trabalho assalariado quando não houver mais capital.

Todas as objeções feitas contra o modo comunista de produção e apropriação dos produtos materiais têm sido, do mesmo modo, feitas contra o modo comunista de produção e apropriação dos produtos intelectuais. Para o burguês, assim como o desaparecimento da propriedade de classe é o desaparecimento da própria produção, o desaparecimento da cultura de classe é para ele o mesmo que o desaparecimento de toda cultura.

Esta cultura, cuja perda ele lamenta, é para a imensa maioria um mero treinamento para atuar como uma máquina.

Mas que os burgueses não discutam conosco enquanto aplicam, para nossa pretendida abolição da propriedade burguesa, o padrão de suas noções burguesas de liberdade, cultura, lei etc. Suas próprias ideias são resultado das relações burguesas de produção e propriedade. Da mesma forma, sua jurisprudência não é outra coisa que a vontade de sua classe transformada em lei para todos, cujo caráter e direção essenciais são determinados pelas condições econômicas de existência de sua classe.

A falsa concepção interesseira que os leva a transformar em leis eternas da natureza e da razão as formas sociais nascidas de seu atual modo de produção e forma de propriedade – relações históricas que surgem e desaparecem com o progresso da produção – esta falsa concepção que vocês, burgueses, compartilham com cada classe dominante que lhes precedeu. O que vocês veem claramente no caso da antiga propriedade, o que admitem no caso da propriedade feudal, estão proibidos de admitir no caso de sua própria forma burguesa de propriedade.

Abolição da família! Até o mais radical se enraivece com esta infame proposta dos comunistas.

Qual é a base da família atual, a família burguesa? O capital, o ganho privado. Em sua forma completamente desenvolvida esta família existe apenas entre a burguesia. Mas este estado de coisas encontra seu complemento na ausência prática da família entre os proletários e na prostituição pública. A família burguesa desaparecerá naturalmente quando seu complemento desaparece e ambos desaparecerão com o sumiço do capital.

Nos acusam de querer acabar com a exploração das crianças por seus pais? Deste crime, confessamos que somos culpados.

Mas, vocês dirão, destruímos a mais santificada das relações, quando substituímos a educação doméstica pela social.

E a sua educação, ela também não é social e determinada pelas condições sociais sob as quais se educa, pela intervenção da sociedade, direta ou indireta, por meio das escolas etc? Os comunistas não inventaram a intervenção da sociedade na educação. Eles procuram alterar o caráter desta intervenção e retiram a educação da influência da classe dominante.

O palavrório burguês sobre a família e a educação, sobre a santa relação de pai e filho, torna-se ainda mais nojento na medida em que, pela ação da indústria moderna, todos os laços familiares entre os proletários são destruídos e seus filhos transformados em simples artigos de comércio e instrumentos de trabalho.

“Mas vocês comunistas introduziriam a comunidade das mulheres”, grita toda a burguesia em coro.

O burguês vê sua esposa como um mero instrumento de produção. Ele ouve que os instrumentos de produção serão explorados em comum, e, naturalmente, não pode chegar a outra conclusão senão a de que acontecerá o mesmo com as mulheres.

Ele nem mesmo suspeita que a verdadeira questão é abolir o status das mulheres como meros instrumentos de produção.

De resto, nada mais ridículo que a virtuosa indignação de nossa burguesia com a suposta comunidade de mulheres que será aberta e oficialmente estabelecida pelos comunistas. Os comunistas não precisam introduzir a comunidade de mulheres; ela existe quase desde tempos imemoriais.

Nossos burgueses, não contentes em ter as esposas e filhas de seus proletários à sua disposição, sem falar nas prostitutas comuns, têm o maior prazer em seduzir as esposas uns dos outros.

O casamento burguês é na verdade uma comunidade de esposas. Assim, no máximo, o que os comunistas podem ser censurados é por desejam introduzir, em substituição a uma comunidade de mulheres hipocritamente escondida, uma abertamente legalizada. Para o resto, é evidente por si mesmo que a abolição do atual sistema de produção deve trazer consigo a abolição da comunidade de mulheres que deriva deste sistema, isto é, da prostituição tanto oficial quanto não-oficial.

Os comunistas são ainda censurados pelo desejo de abolir a pátria e a nacionalidade.

Os trabalhadores não têm pátria. Não podemos tirar deles o que não possuem. Já que o proletariado deve antes de tudo adquirir a supremacia política, elevar-se à classe dirigente da nação, se constituir a si próprio como nação, ele é, nessa medida, nacional, embora não no sentido burguês da palavra.

As diferenças e antagonismos nacionais entre os povos estão desaparecendo diariamente cada vez mais, graças ao desenvolvimento da burguesia, à liberdade de comércio, ao mercado mundial, à uniformidade no modo de produção e às correspondentes condições de vida.

A supremacia do proletariado as farão desaparecer ainda mais rápido. A ação unificada dos proletários, pelo menos os dos principais países civilizados, é uma das primeiras condições para a emancipação do proletariado. À medida que a exploração de um indivíduo por outro chegar ao fim, a exploração de uma nação por outra também chegará ao fim.

À medida que o antagonismo entre classes dentro de uma nação desaparece, a hostilidade de uma nação com outra também chegará ao fim.

As acusações contra o comunismo feitas de um ponto de vista religioso, filosófico, e ideológico em geral, não merecem um exame sério. Será que é preciso uma profunda intuição para compreender que as ideias, noções e concepções dos homens, numa palavra, sua consciência, mudam com cada mudança nas condições de sua existência material, em suas relações sociais e em sua vida social?

O que mais a história das ideias prova, além de que a produção intelectual muda seu caráter à medida que a produção material se transforma? As ideias dominantes de cada época sempre foram tão somente as ideias de sua classe dominante.

Quando se fala de ideias que revolucionam a sociedade, apenas se expressa o fato de que dentro da velha sociedade, os elementos de uma nova foram criados, e que a dissolução das velhas ideias marcha junto com a dissolução das velhas condições de existência.

Quando o mundo antigo estava em seus últimos suspiros, as antigas religiões foram superadas pelo cristianismo. Quando as ideias cristãs sucumbiram no século XVII às ideias racionalistas, a sociedade feudal travava sua batalha de morte com a então revolucionária burguesia. As ideias de liberdade religiosa e liberdade de consciência apenas deram expressão ao domínio da livre concorrência dentro da esfera do conhecimento.

"Sem dúvida," dirão, "as ideias religiosas, morais, filosóficas e jurídicas modificaram-se ao longo do desenvolvimento histórico. Mas a religião, a filosofia moral, a ciência política e a lei sobreviveram constantemente a esta mudança. Além disso, há verdades eternas, como a Liberdade, Justiça etc, que são comuns a todos os estágios da sociedade. Mas o comunismo quer abolir as verdades eternas, toda a religião e toda moralidade, ao invés de reconstituí-las em novas bases. Portanto, ele age em contradição com toda a experiência histórica anterior".

A que se reduz esta acusação? A história de toda sociedade passada consistiu no desenvolvimento dos antagonismos de classe, antagonismos que assumiram formas diferentes em épocas diferentes.

Mas seja qual forma tenham assumido, um fato comum a todas as eras passadas é a exploração de uma parte da sociedade por outra. Não admira, então, que a consciência social do passado, apesar de toda multiplicidade e variedade que apresenta, se mova dentro de certas formas comuns, ou ideias gerais, que não podem desaparecer completamente exceto com o desaparecimento total dos antagonismos de classe.

A revolução comunista é a mais radical ruptura com as relações de propriedade tradicional. Não admira que seu desenvolvimento envolva a mais radical ruptura com as ideias tradicionais.

Mas deixemos de lado as objeções burguesas ao comunismo.

Vimos acima que o primeiro passo na revolução da classe trabalhadora é a elevação do proletariado à posição dominante, pela conquista da democracia.

O proletariado usará sua supremacia política para arrebatar, gradualmente, todo capital da burguesia, centralizar todos os instrumentos de produção nas mãos do Estado, isto é, do proletariado organizado como classe dominante. Com isso, aumentará a massa das forças produtivas o mais rapidamente possível.

É claro, no início, isto não pode ser efetuado exceto por meio de incursões despóticas sobre os direitos de propriedade e das condições da produção burguesa. Isto é, isso se dará por meio de medidas que parecerão economicamente insuficientes e insustentáveis. Porém, no curso do movimento, essas medidas ultrapassarão a si mesmas e serão necessárias mais incursões contra a velha ordem social.

Elas são inevitáveis como meio de revolucionar inteiramente o modo de produção.

Estas medidas, é claro, serão diferentes em países diferentes. Todavia, nos mais avançados, as seguintes medidas poderão geralmente ser aplicadas.

1. Expropriação da propriedade fundiária e aplicação de todas as rendas da terra em despesas do Estado.
2. Pesado imposto progressivo[17].
3. Abolição de todo direito de herança.
4. Confisco da propriedade de todos os emigrados e rebeldes[18].
5. Centralização do crédito nas mãos do Estado por meio de um banco nacional com capital estatal e monopólio exclusivo.
6. Centralização dos meios de transporte nas mãos do Estado.
7. Aumento das fábricas e instrumentos de produção pertencentes ao Estado; loteamento para cultivo das terras incultas e melhoria do solo de acordo com um plano comunitário.
8. Obrigatoriedade do trabalho a todos. Estabelecimento de exércitos industriais[19], especialmente para a agricultura.
9. Unificação dos setores da agricultura com a indústria; abolição gradual da distinção entre a cidade e o campo.
10. Educação pública e gratuita para todas as crianças. Abolição do trabalho infantil em sua forma atual. Combinação da educação com a produção material etc.

Quando, no curso do desenvolvimento, as distinções de classe desaparecerem, e toda produção estiver concentrada nas mãos de uma vasta associação de toda nação, o poder público perderá seu caráter político. O poder político, propriamente falando, é apenas o poder organizado de uma classe para oprimir a outra. Se o proletariado, durante sua luta com a burguesia, é levado pela necessidade a se organizar como

---

17 Diz-se do imposto em que a porcentagem a ser paga aumenta à proporção que os valores sobre os quais incide são maiores. Assim um imposto progressivo sobre a renda pode ir de uma taxa simbólica sobre os que recebem o salário mínimo até quase 100% sobre as rendas dos milionários .

18 Marx e Engels referem-se aqui ao confisco das propriedades dos que se insurgirem contra o novo governo comunista ou que tentarem fugir para outros países para escaparem à revolução.

19 Tratam-se das brigadas ou frentes de trabalho.

classe, por meio de uma revolução se constitui como classe dominante, e como tal, destrói pela força as velhas condições de produção, então, junto com estas condições, destrói as condições para a existência dos antagonismos de classe e das classes em geral, e, portanto, terá abolido sua própria supremacia como classe.

Em lugar da velha sociedade burguesa, com suas classes e antagonismos de classe, teremos uma associação, na qual o livre desenvolvimento de cada um é a condição para o livre desenvolvimento de todos.

III – A Literatura Comunista e Socialista

1. O Socialismo Reacionário

a) O Socialismo Feudal

Devido à sua posição histórica, tornou-se vocação das aristocracias da Inglaterra e França escrever panfletos contra a moderna sociedade burguesa. Na revolução francesa de julho de 1830, e no movimento reformista inglês, tais aristocracias mais uma vez sucumbiram ao odioso arrivista[20]. Desde então, uma disputa política séria estava fora de questão. Apenas uma batalha literária continuava possível. Mas mesmo no domínio da literatura os velhos gritos do período da restauração[21] se tornaram impossíveis. [22]

Para despertar simpatias, a aristocracia era obrigada a deixar de lado, aparentemente, seus próprios interesses e a formular sua acusação contra a burguesia no interesse apenas da classe trabalhadora explorada. Assim, a aristocracia fez sua vingança cantando sátiras sobre seu novo senhor e sussurrando em seus ouvidos sinistras profecias da catástrofe iminente.

Deste modo, surgiu o socialismo feudal: meio lamentação, meio sátira; meio eco do passado, meio ameaça do futuro. Às vezes, devido a sua crítica amarga, engenhosa e incisiva, golpeia a burguesia em seu coração. Porém, seu efeito é sempre cômico, devido à sua total incapacidade de compreender a marcha da história moderna.

A aristocracia, para reunir o povo à sua volta, hasteou o saco de pedinte proletário como uma bandeira. Mas o povo, logo que se unia a eles, via os velhos brasões feudais atrás dela e, assim, desertavam com sonoras e irreverentes gargalhadas.

Um setor dos legitimistas franceses e a "Jovem Inglaterra" levaram a público este espetáculo.

Ao dizerem que seu modo de exploração era diferente da burguesia, os feudalistas esquecem que eles exploravam sob circunstâncias e condições que eram muito diferentes, e que agora são antiquados. Ao mostrar que, sob seu domínio, o proletariado moderno nunca existiu, esquecem que a burguesia moderna é o rebento necessário de seu próprio regime social.

De resto, escondem tão pouco o caráter reacionário de sua crítica que sua principal acusação contra a burguesia se resume a que sob o regime burguês está se desenvolvendo uma classe que está destinada a despedaçar a velha ordem da sociedade.

---

20 O "odioso arrivista" a que se refere Marx na passagem é a burguesia em ascensão.

21 Não a Restauração inglesa (1660-1689), mas a Restauração francesa (1814- 1830) (Engels, 1888).

22 Marx e Engels se referem aqui à restauração monárquica do início do século XIX, que na época do Manifesto já tinha se tornado politicamente desgastada.

O que eles censuram à burguesia não é tanto que ela tenha criado um proletariado, mas que ela tenha criado um proletariado revolucionário.

Por isso, na prática política, se unem a todas as medidas repressivas contra a classe trabalhadora e, na vida cotidiana, apesar de suas frases pomposas, se abaixam para colher as maçãs douradas caídas da árvore da indústria e barganham verdade, amor e honra em troca do comércio de lã, açúcar de beterraba e aguardente de batata[23].

Da mesma forma que o padre sempre andou de mãos dadas com o senhor feudal, assim o faz o socialismo clerical com o socialismo feudal.

Nada mais fácil do que dar ao ascetismo cristão uma coloração socialista. O cristianismo não pregou contra a propriedade privada, contra o casamento e o Estado? Em lugar destes ele não pregou a caridade e a pobreza, o celibato e a mortificação da carne, a vida monástica e a Santa Igreja? O socialismo cristão não é nada além da água benta com que o padre abençoa a frustração do aristocrata.

b) O Socialismo Burguês

A aristocracia feudal não foi a única classe arruinada pela burguesia, cujas condições de vida definharam na atmosfera da moderna sociedade burguesa. O estamento medieval dos burgueses da paliçada[24] e os pequenos proprietários camponeses foram os precursores da moderna burguesia. Nos países pouco desenvolvidos no comércio e na indústria, estas duas classes ainda continuam a vegetar ao lado da burguesia ascendente.

Nos países onde a moderna civilização se desenvolveu plenamente, uma nova classe de pequeno-burgueses se formou. Eles oscilam entre o proletariado e a burguesia e estão sempre se reformulando como parte suplementar da sociedade burguesa. Os membros individuais desta classe, todavia, são constantemente lançados ao proletariado pela ação da concorrência e, com a marcha da indústria moderna, até mesmo eles veem o momento iminente em que irão desaparecer completamente como setor independente da sociedade moderna, a ser substituída, na manufatura, agricultura e comércio, por capatazes e empregados.

Em países como a França, onde o campesinato constitui mais da metade da população, era natural que os escritores que ficavam do lado do proletariado contra a burguesia utilizassem, em sua crítica ao regime burguês, o critério do camponês e do pequeno-burguês e também que defendessem os interesses da classe trabalhadora do ponto de vista destas classes intermediárias. Assim surgiu o socialismo pequeno-

---

23 Isto se aplica principalmente à Alemanha, onde a aristocracia da terra e a nobreza têm largas porções das suas propriedades cultivadas por sua própria conta por administradores, e são, além disso, manufatureiros extensivos de açúcar de beterraba e destiladores de aguardente de batata. A aristocracia britânica mais rica está hoje acima disto; mas também ela sabe como compensar o declínio das rendas emprestando o seu nome a promotores mais ou menos honestos de sociedades por ações.

24 *Ver nota de rodapé 8.*

burguês. Sismondi foi o principal representante desta escola, não apenas na França, mas também na Inglaterra.

Esta escola do socialismo dissecou com grande perspicácia as contradições nas relações de produção modernas. Ela desnudou os hipócritas embelezamentos dos economistas. Provou, incontestavelmente, os efeitos desastrosos da máquina e da divisão do trabalho; da concentração de capital e da terra em poucas mãos; da superprodução e das crises; mostrou a inevitável ruína da pequena burguesia e do campesinato, a miséria do proletariado, a anarquia na produção, as gritantes desigualdades na distribuição de riqueza, a guerra industrial de extermínio entre as nações, a dissolução dos velhos laços morais, das velhas relações familiares, das velhas nacionalidades.

Em suas propostas, contudo, esta forma de socialismo quer ou restaurar os velhos meios de produção e troca, e com eles as velhas relações de propriedade e a velha sociedade, ou enquadrar à força os modernos meios de produção e troca dentro da estrutura das velhas relações de propriedade que foram, e são, destruídas por estes meios. Em ambos os casos, ele é reacionário e utópico.

Sua última palavra é: introdução do sistema corporativo na manufatura, e das relações patriarcais na agricultura. Finalmente, quando os teimosos fatos históricos dispersaram todos os efeitos intoxicantes do autoengano, esta forma de socialismo degenerou-se em um coro de lamentações.

c) O Socialismo Alemão ou o "Verdadeiro" Socialismo

A literatura socialista e comunista da França nasceu sob a pressão de uma burguesia no poder e era a expressão da luta contra este domínio. Ela foi introduzida na Alemanha na época em que a burguesia deste país mal tinha começado sua luta com o absolutismo feudal.

Filósofos, semifilósofos e charlatões alemães se apoderaram avidamente desta literatura. Mas se esqueceram de que, quando estes escritos migraram da França para a Alemanha, as condições sociais francesas não migraram junto com eles. Em contato com as condições sociais alemãs, a literatura francesa perdeu todo seu significado prático imediato e assumiu um aspecto puramente literário. Assim, para os filósofos alemães do século XVIII, as reivindicações da primeira Revolução Francesa não eram nada mais do que as reivindicações da "Razão Prática" em geral. A articulação da vontade da burguesia revolucionária francesa significava, aos seus olhos, a lei da Vontade pura, da Vontade tal como deveria ser, da verdadeira vontade humana em geral.

O trabalho da literatura alemã consistia apenas em colocar as novas ideias francesas em harmonia com sua consciência filosófica ancestral. Ou melhor, consistia em se apropriar das ideias francesas sem deixar de lado seu próprio ponto de vista filosófico.

Esta apropriação ocorreu do mesmo modo que uma língua estrangeira é apropriada, isto é, pela tradução.

É sabido que os monges recobriam com biografias tolas dos santos católicos os mesmos manuscritos sobre os quais estavam antes escritos os trabalhos clássicos dos antigos pagãos. A literatura alemã inverteu este processo com a profana literatura francesa. Escreveram seus absurdos debaixo do original francês. Por exemplo, embaixo da crítica francesa das funções econômicas do dinheiro, eles escreveram "Alienação Humana". Debaixo da crítica francesa ao Estado burguês, escreveram "Destronamento da Categoria do Geral". E assim por diante. À introdução destas frases filosóficas pelas costas da crítica histórica francesa, eles chamaram de "Filosofia da Ação", "Verdadeiro Socialismo", "Ciência Alemã do Socialismo", "Fundamentação Filosófica do Socialismo" etc.

Deixaram assim a literatura socialista e comunista francesa completamente esterilizada. E, uma vez nas mãos dos alemães, ela deixou de expressar a luta de uma classe contra outra. Com isso, esses alemães acreditaram terem superado a "estreiteza francesa" e terem representado não exigências reais, mas exigências da Verdade; não os interesses do proletariado, mas os interesses da Natureza Humana, do Homem em geral, que pertence não a uma classe, a uma realidade, que existe apenas no reino nebuloso da fantasia filosófica.

Este socialismo alemão, que levava tão a sério suas lições de casa, e exaltava sua pobre bagagem de modo tão charlatanesco, gradualmente perdeu todo seu inocente pedantismo.

A luta da burguesia alemã, e especialmente da prussiana, contra a aristocracia feudal e a monarquia absoluta – em outras palavras, o movimento liberal – tornou-se mais sério.

Por isto, a oportunidade há muito desejada foi oferecida ao "verdadeiro" socialismo para confrontar o movimento político com as reivindicações socialistas, para lançar os tradicionais anátemas contra o liberalismo, contra o governo representativo, contra a livre-concorrência burguesa, a liberdade burguesa da imprensa, a legislação burguesa, a liberdade e igualdade burguesa, e de pregar às massas que elas não têm nada a ganhar, e tudo a perder, com este movimento burguês. O socialismo alemão esqueceu, no calor do momento, que a crítica francesa, da qual era um eco pálido, pressupunha a existência da moderna sociedade burguesa, com suas correspondentes relações econômicas de existência e a constituição política adaptada a ela. Precisamente as coisas que na Alemanha ainda estavam por conquistar.

Para os governos absolutistas, com sua comitiva de padres, mestres-escola, nobres rurais e funcionários governamentais, isto serviu como um espantalho bem-vindo contra a burguesia que vinha num ameaçador ascenso.

Ele foi um doce arremate após as pílulas amargas de açoites e balas com que estes mesmos governos, já naquela época, trataram os levantes da classe trabalhadora alemã.

Ao mesmo tempo em que este "verdadeiro" socialismo servia aos governos como uma arma para combater à burguesia alemã, ele representava diretamente um interesse reacionário, o interesse da pequena

burguesia alemã. Na Alemanha, a classe pequeno-burguesa, relíquia do século XVI, e que desde então renasce constantemente sob diversas formas, é a real base social das condições vigentes.

Preservar esta classe é manter a situação atual na Alemanha. A supremacia industrial e política da burguesia ameaça essa mesma burguesia com a destruição certa. De um lado, devido à concentração do capital e, de outro, pela ascensão de um proletariado revolucionário. O "verdadeiro" socialismo parecia matar dois coelhos com uma cajadada só. Espalhou-se como uma epidemia. O manto tecido com fios especulativos, bordado com flores de retórica e banhado em orvalho sentimental, este manto transcendental na qual os socialistas alemães embrulharam suas lamentáveis "verdades eternas", tudo pele e osso, serviu para aumentar maravilhosamente a venda de sua mercadoria entre este público. De sua parte, o socialismo alemão reconheceu, cada vez mais, sua própria vocação como o representante bombástico da pequena burguesia filisteia.

Ele proclamou que a nação alemã era a nação modelo e que o pequeno-burguês alemão era o Homem modelo. A cada baixeza mesquinha deste Homem modelo, deu uma interpretação oculta, elevada, socialista: o exato oposto de seu caráter real. Chegou até à consequência extrema de se opor diretamente à tendência "brutalmente destrutiva" do comunismo, e de proclamar seu supremo e imparcial desprezo por todas as lutas de classe. Com muito poucas exceções, todas as supostas publicações socialistas e comunistas que hoje circulam na Alemanha pertencem ao domínio desta imunda e irritante literatura[25].

Socialismo Conservador ou Socialismo Burguês

Uma parte da burguesia deseja reparar as injustiças sociais com o objetivo de assegurar a existência continua da sociedade burguesa

A este setor pertencem os economistas, filantropos, humanitários, reformadores das condições da classe trabalhadora, organizadores de caridade, membros de sociedades de protetores de animais, fundadores de ligas antialcoólicas, tacanhos reformistas de todo tipo imaginável. Esta forma de socialismo tem, além disso, sido elaborada em sistemas completos.

Podemos citar o livro A Filosofia da miséria de Proudhon como um exemplo desta forma.

Os socialistas burgueses querem todas as vantagens das modernas relações sociais sem as lutas e perigos que necessariamente resultam dela. Desejam a situação atual da sociedade sem os elementos que a revolucionam e desintegram. Desejam uma burguesia sem proletariado. A burguesia naturalmente concebe o seu mundo como o melhor de todos, e o socialismo burguês desenvolve esta confortável concepção em vários sistemas mais ou menos completos. Ao exigir que o proletariado realize tal sistema e, portanto, ao exigir que ele marche diretamente para a "nova Jerusalém" social, na verdade, ele exige que o

25 A tempestade revolucionária de 1848 varreu esta corrente vergonhosa, e curou seus protagonistas da vontade de brincar de socialismo. O representante principal e mais clássico desta corrente é o sr. Karl Gruen (Engels, 1890).

proletariado continue dentro dos limites da sociedade existente. Mas também exigem que ele se livre de todas as suas ideias hostis a respeito da burguesia.

Uma segunda forma, mais prática e menos sistemática, deste socialismo, procura tirar a disposição da classe trabalhadora para qualquer luta revolucionária. Ele procura mostrar que não é uma simples reforma política, mas apenas uma mudança nas condições materiais de existência, nas relações econômicas, que poderia ter alguma vantagem para eles. Por "mudanças nas condições materiais de existência", esta forma de socialismo não entende a abolição das relações burguesas de produção, abolição que pode ser efetuada apenas pela revolução, mas sim reformas administrativas, baseadas na existência continuada destas relações. Reformas, portanto, que não afetam em nada às relações entre capital e trabalho, mas, no melhor dos casos, diminuem os custos e simplificam o trabalho administrativo do governo burguês.

O socialismo burguês obtém uma expressão adequada quando, e apenas quando, torna-se uma mera figura de retórica.

Livre comércio: no interesse da classe trabalhadora. Tarifas protecionistas: para benefício da classe trabalhadora. Prisão modelo: para benefício da classe trabalhadora. Eis a última palavra, a única seriamente dita pelo socialismo burguês.

O socialismo burguês se resume justamente na frase que declara: os burgueses são burgueses para benefício da classe trabalhadora.

O Socialismo e o Comunismo Crítico-Utópicos Burguês

Aqui não nos referimos à literatura que, em cada grande revolução moderna, sempre deu voz às reivindicações do proletariado, como os escritos de Babeuf e outros.

As primeiras tentativas diretas do proletariado para atingir seus próprios fins foram feitas em tempos de efervescência universal, quando a sociedade feudal estava sendo derrubada. Estas tentativas necessariamente falharam devido ao estado, então ainda subdesenvolvido, do proletariado e à ausência das condições econômicas para sua libertação. Estas condições ainda não tinham sido ainda produzidas e só poderiam ser produzidas pelo surgimento da época burguesa. A literatura revolucionária que acompanhou estes primeiros movimentos do proletariado, tinha forçosamente um caráter reacionário. Ela pregava um modo de vida ascético e um igualitarismo grosseiro.

Os sistemas socialistas e comunistas propriamente ditos, os de Saint-Simon, Fourier, Owen e outros, apareceram no primeiro período, ainda pouco desenvolvido, descrito acima, da luta entre o proletariado e a burguesia (ver o capítulo 1, "Burgueses e proletários").

Os fundadores destes sistemas viam, de fato, os antagonismos de classe. Viam também a ação eficaz dos elementos de decomposição da sociedade dominante. Mas eles não viam ainda no proletariado qualquer iniciativa histórica ou qualquer movimento político independente.

Da mesma forma que o desenvolvimento do antagonismo de classe caminha ao lado do desenvolvimento da indústria, a situação econômica como eles a viam ainda não lhes oferecia as condições materiais para a libertação do proletariado. Eles, portanto, buscaram uma nova ciência social, novas leis sociais, cujo objetivo seria criar estas condições.

A ação histórica é substituída por sua ação inventiva pessoal. As condições historicamente criadas de libertação são substituídas por outras condições imaginárias. E a organização de classe espontânea, gradual, do proletariado, é substituída por uma forma de organização da sociedade especialmente criada por estes inventores. A história futura se resolve, aos seus olhos, na propaganda e na realização prática de seus planos sociais.

Ao fazerem seus planos, é verdade, eles estão convictos de cuidar especialmente dos interesses da classe trabalhadora, pois ela é a classe mais sofredora. Apenas deste ponto de vista – de ser a classe mais sofredora – o proletariado existe para eles.

A situação subdesenvolvida da luta de classes e sua própria situação social leva os socialistas deste tipo a se considerarem muito superiores a todos os antagonismos de classe. Querem melhorar a condição de cada membro da sociedade, mesmo os mais favorecidos. Daí o seu apelo habitual a toda sociedade, sem distinção de classe. Chegam até mesmo a preferirem apelar à classe dominante. Afinal eles creem que basta às pessoas terem compreendido seu sistema para que vejam que é o melhor plano possível para a melhor sociedade possível.

Desta forma, rejeitam toda ação política, especialmente a revolucionária. Desejam obter seus fins por meios pacíficos, e por experiências em pequena escala necessariamente destinadas ao fracasso. Tentam também, através da força do exemplo, abrir o caminho ao novo evangelho social.

Tais quadros imaginários da futura sociedade, pintados na época em que o proletariado ainda estava num estágio muito subdesenvolvido e tinha uma concepção imaginária de sua própria posição, correspondem aos primeiros sonhos desta classe com uma reconstrução geral da sociedade.

Mas estas publicações socialistas e comunistas contêm também um elemento crítico. Elas atacam cada princípio da sociedade existente. Por isto, estão cheios dos mais valiosos materiais para o esclarecimento da classe trabalhadora. As medidas práticas propostas nelas – como o fim da distinção entre a cidade e o campo, a abolição da família, da gestão da indústria para o benefício de indivíduos privados e do sistema salarial, a proclamação da harmonia social e a conversão das funções do Estado em uma mera administração da produção – são todas propostas que apenas apontam para o desaparecimento dos antagonismos de classe, que, por sua vez, naquela época estavam apenas começando e que, nestas publicações são reconhecidos apenas em suas formas iniciais, indistintas e indefinidas. Estas propostas, portanto, são de um caráter puramente utópico.

O significado do socialismo e comunismo crítico-utópico está na relação inversa do desenvolvimento histórico. À medida que a moderna luta de classes se desenvolve e toma uma forma definida, este imaginário afastamento da luta e estes imaginários ataques a ela, perdem todo valor prático e toda justificação teórica. Portanto, embora os fundadores destes sistemas sejam, em muitos aspectos, revolucionários, seus discípulos sempre acabaram formando seitas reacionárias. Eles se agarram às visões originais de seus mestres, em oposição ao desenvolvimento histórico progressivo do proletariado. Procuram, portanto – e nisto são coerentes –, abafar a luta de classes e reconciliar seus antagonismos. Ainda sonham com a realização experimental de suas utopias sociais, fundar falanstérios isolados, com a criação das "colônias no interior", com fundar uma "pequena Icária"[26] – duodécima edição da "nova Jerusalém" – e para realizar estes castelos no ar, são obrigados a apelar aos sentimentos e aos bolsos da burguesia. Aos poucos, caem na categoria dos socialistas conservadores reacionários descritos acima, diferindo deles apenas por um pedantismo mais sistemático, e por sua crença fanática e supersticiosa nos efeitos miraculosos de sua ciência social.

Opõem-se, portanto, violentamente a toda ação política por parte da classe trabalhadora. Tal ação, segundo eles, só pode resultar de uma cega descrença em seu "novo Evangelho".

Os owenistas na Inglaterra e os fourieristas na França, respectivamente se opõem, assim, aos cartistas e aos reformistas franceses[27].

IV – Posição dos Comunistas em Relação aos Vários Partidos de Oposição Existentes

O capítulo 2 explicitou as relações dos comunistas com os partidos dos trabalhadores hoje existentes, como os cartistas na Inglaterra e os reformadores agrários nos Estados Unidos da América.

Os comunistas lutam pela conquista dos fins imediatos, pelo reforço dos interesses imediatos da classe trabalhadora. Mas, no movimento do presente, também representam e cuidam do futuro do movimento. Na França, os comunistas se aliam ao grupo social-democrata[28] contra a burguesia conservadora e radical, reservando, contudo, o direito de ter uma posição crítica em relação às frases e ilusões legadas pela tradição da grande Revolução.

---

26 "Falanstérios" eram colônias socialistas projetadas por Charles Fourier; "Icária" era como Cabet chamava seu país utópico e, mais tarde, sua colônia nos Estados Unidos (Engels, 1888). "Colônias no interior" era como Owen chamava as sociedades comunistas modelo (Engels, 1890).

27 Charles Fourier e Robert Owen foram socialistas utópicos da primeira metade do século XIX. O movimento cartista (inglês) e o movimento reformista francês, composto pelos seguidores do jornal La Réforme (A Reforma), foram movimentos sociais dos trabalhadores, do mesmo período, que lutavam pela implementação de reformas democráticas e sociais básicas.

28 Trata-se do partido então representado no Parlamento por Ledru-Rollin, na literature por Louis Blanc, na imprensa diária pelo jornal La Réforme. O nome de social-democracia quer dize, quanto a estes setores, um setor dos partidos democráticos ou republicanos mais ou menos tingidos de socialismo (Engels, 1888).

Na Suíça, apoiam os radicais, sem perder de vista o fato que este partido consiste de elementos contraditórios, em parte social-democratas no sentido francês, metade burgueses radicais.

Na Polônia, apoiam o partido que insiste numa revolução agrária como a primeira condição para a libertação nacional, o mesmo partido que organizou a insurreição de Cracóvia em 1846[29].

Na Alemanha, lutam junto à burguesia, assim que ela age de um modo revolucionário, isto é, quando entra em choque contra a monarquia absoluta, a propriedade rural feudal e a pequena burguesia.

Mas nunca deixam, por um só instante, de desenvolver na classe trabalhadora o reconhecimento mais forte possível do antagonismo hostil existente entre a burguesia e o proletariado, para que os trabalhadores alemães possam usar diretamente, como tantas outras armas contra a burguesia, as condições sociais e políticas que a burguesia deve necessariamente introduzir assim que conquistar sua supremacia. Também para que, após a queda das classes reacionárias na Alemanha, a luta contra a própria burguesia possa começar imediatamente.

Os comunistas voltam sua atenção principalmente para a Alemanha, pois este país está às vésperas de uma revolução aliam ao grupo social-democrata27 contra a burguesia conservadora e radical, reservando, contudo, o direito de ter uma posição crítica em relação às frases e ilusões legadas pela tradição da grande Revolução.

Na Suíça, apoiam os radicais, sem perder de vista o fato que este partido consiste de elementos contraditórios, em parte social-democratas no sentido francês, metade burgueses radicais.

Na Polônia, apoiam o partido que insiste numa revolução agrária como a primeira condição para a libertação nacional, o mesmo partido que organizou a insurreição de Cracóvia em 184628.

Na Alemanha, lutam junto à burguesia, assim que ela age de um modo revolucionário, isto é, quando entra em choque contra a monarquia absoluta, a propriedade rural feudal e a pequena burguesia.

Mas nunca deixam, por um só instante, de desenvolver na classe trabalhadora o reconhecimento mais forte possível do antagonismo hostil existente entre a burguesia e o proletariado, para que os trabalhadores alemães possam usar diretamente, como tantas outras armas contra a burguesia, as condições sociais e políticas que a burguesia deve necessariamente introduzir assim que conquistar sua supremacia. Também para que, após a queda das classes reacionárias na Alemanha, a luta contra a própria burguesia possa começar imediatamente.

Os comunistas voltam sua atenção principalmente para a Alemanha, pois este país está às vésperas de uma revolução burguesa. Revolução que será realizada sob as mais avançadas condições da civilização europeia e com um proletariado muito mais desenvolvido do que o da Inglaterra no século XVII e o da

29 Entre 1795 e 1918, a Polônia não era um Estado independente, estando dividida e subjugada por três grandes potências – a Prússia, o Império Austríaco e o Império Russo.

França no século XVIII. Também porque a revolução burguesa na Alemanha não é outra coisa além do prelúdio de uma revolução proletária.

Em resumo, os comunistas em toda parte apoiam cada movimento revolucionário contra a ordem social e política existente.

Em todos estes movimentos, colocam à frente, como a questão principal, a questão da propriedade, não importa qual seja seu grau de desenvolvimento.

Finalmente, trabalham em todo lugar para a união e acordo dos partidos democráticos de todos os países.

Os comunistas se recusam a esconder suas opiniões e objetivos. Eles declaram abertamente que seus fins só podem ser obtidos pela derrubada violenta de todas as relações sociais existentes. Que as classes dominantes tremam diante da ideia de uma revolução comunista. Os proletários não têm nada a perder exceto as correntes que os prendem. Eles têm um mundo a ganhar.

Proletários de todo o mundo, uni-vos!